

## Sessão Solene da Assembleia Municipal

25 de Abril de 2011

### **ABRIL, 37 ANOS DEPOIS!**

Sempre que se comemora o aniversário da Revolução de 25 de Abril de 1974, exercitam-se memórias individuais e colectivas susceptíveis de desnovelar o enredo histórico que nos arrastou até ao presente.

Dos méritos desse acto revolucionário que então transformou Portugal e influenciou mudanças decisivas na evolução da geopolítica internacional, já muito se escreveu. Dos sonhos e utopias argamassadas em generosidade militante, dos deslumbramentos que as liberdades proporcionaram, das ânsias de tudo querer fazer num ápice, do saciamento da fome cívica, gregária e cultural que nos assolou durante quase meio século, da necessidade colectiva de compreender e exercer a política, ficaram poesias, canções de combate, registos e atitudes.

Lembramos com emoção a pureza do instante e a ingenuidade pueril de avançar para novos caminhos, marchando descalços por sinuosas veredas.

Naquele primeiro 1º de Maio acreditávamos firmemente de que todos queríamos o mesmo, pois as dezenas de partidos e movimentos políticos que vieram à tona inscreviam nos seus programas a construção do socialismo. Na verdade, a esta palavra-chave acrescentavam vários adjectivos: *socialismo democrático*, *socialismo popular*, *socialismo cristão*, *socialismo de rosto humano*... O que nos atraía era contudo e somente a palavra *socialismo*. Era ela que electrizava, como algo de mágico capaz de, só por si, ultrapassar todas as barreiras.

Dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano, apercebemo-nos, dolorosamente, de que o que parecia fácil se tornava afinal muito difícil. O idealismo, tão afanosamente burilado, começava a ser penetrado por sucessivos “cavalos de Tróia”. Tínhamo-nos esquecido, tão simplesmente, de instalar um potente antivírus.

Entretanto, a *democracia*, outra palavra-chave, idealizada para abrir todas as portas, transformou-se em Portugal numa espécie de casa de alterne. Depois do PREC 1 (Processo Revolucionário em Curso), seguiu-se o PREC 2 (Processo Reaccionário em Curso). Os vírus foram entrando, entrando ... e chegamos aos PEC 1, 2, 3 e 4 dos dias de hoje. O País tornou-se uma “Casa onde não há Pão” e onde todos continuam a ralar. O *Povo*, outro palavrão-chave, entenda-se, os eleitores, não sabe onde paira a razão. O Povo, amansado, obediente e votante, encontra-se baralhado, os jovens estão enrascados e os veteranos perguntam: “foi para isto que se fez o 25 de Abril?”.

Mas não sejamos pessimistas! Realistas quanto baste, mas jamais pessimistas! A revolução dos cravos deixou sementes, algumas estão latentes, outras dormentes, mas estão lá e buscam condições propícias para a germinação, porque essa é a lei da vida e do devir.

Ao recordar os momentos culminantes da nossa História Contemporânea, assentamos ideias, reflectimos e podemos analisar onde nos enganámos e quem nos enganou.

A partir daqui será mais fácil encontrar outros caminhos para recuperar a dignidade nacional e o orgulho pátrio, para além dos devaneios do futebol e de outros “negócios” balofos, esporádicos e aleatórios. Será mais fácil retomar Abril. Será mais fácil prosseguir na senda da esperança com acções concretas e medidas ajustadas ao tempo que vivemos.

A recuperação do País terá de passar pela reconsideração do Estado como “pessoa de bem” e pela expulsão dos “vendilhões do templo”. Terá de passar pela reabilitação da política e dos políticos, os quais deverão ser agentes escrupulosos ao serviço do bem comum. Terá que passar pelo enunciamento da verdade, definida de forma simples e objectiva, para que possa ser por todos entendível.

A especulação financeira e económica nacional e internacional que mais não é do que uma teia de habilidades onde impera a deslealdade, a desonestidade e o crime, deverá ser firmemente denunciada e banida sem apelo nem agravo.

Os meios de comunicação terão de informar de maneira eminentemente construtiva ao serviço do colectivo e não andar à mercê de “lobbies” e compadrios. Deixarão de perseguir o sensacionalismo bacoco, os dramas de faca e alguidar, o elogio da estupidez e do facilitismo. A cultura, o civismo e a solidariedade hão-de constituir as molas reais da mudança que se almeja.

Os valores determinantes da Revolução que, desde já, temos de empreender, terão de assentar na produção e na produtividade. De uma vez por todas, capacitemo-nos de que é o *Trabalho* o factor mais importante e decisivo e não o *Capital*. É o aproveitamento criterioso das nossas matérias-primas, das nossas benesses climatéricas e geográficas, do nosso solo agrícola, os quais activados pela mão-de-obra, propiciarão as mais-valias de que necessitamos para sobreviver e progredir.

Como é que se pode admitir, sem revolta e indignação, que Portugal importe cerca de 70% de bens alimentares? Como compreender que se tenha abandonado quase 2 milhões de hectares de terrenos de cultivo? Como aceitar que 50% do nosso défice externo resulte da importação de energia?

Perante a actual crise mundial que já foi designada a *Crise dos três F (Finance, Fuel, Food)*, temos de nos posicionar para, de forma realista e consequente, vencer os desafios sem “ajuda externa”, a qual, como iremos ter ocasião de confirmar, será tudo, menos ajuda.

Da língua inglesa que é, por enquanto, o idioma que, com mais ou menos equívocos, rege a compreensão do mundo actual, fomos aportuguesar o termo “resaliência”. Trata-se de uma palavra que ainda não consta nos dicionários e que significa mais do que “resistir”. Significa enfrentar e vencer as batalhas difíceis que temos pela frente com coragem, empenho e inteligência.

Por isso, meus caros compatriotas, comemorar Abril hoje, mais do que nunca, é prosseguir com denodo a jornada cívica da reafirmação dos princípios: Liberdade, Democracia, Paz, Justiça

Social, Solidariedade. É o momento ímpar para fortalecer energias anímicas, corrigir comportamentos e trabalhar com afinco, sob uma perspectiva optimista do futuro do País e da Humanidade.

VIVA O 25 DE ABRIL!

VIVA PORTUGAL!